

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. António dos Reis — Redacção: Rua Marcos de Portugal, 8 A. — Leiria.
Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 158 — Lisboa.



O mês de S. José

Consagra a Santa Igreja a S. José o mês de Março com particular devoção.

Não é justo que nas páginas da «Voz da Fátima» se passe em silêncio tão ilustre personalidade.

Intimamente ligado ao Verbo Incarnado e à Virgem Santíssima como chefe da Sagrada Família, São José saiu providencialmente da silenciosa e obscura situação em que durante séculos ficara e toma na piedade católica o lugar que lhe compete.

Nenhum outro Santo se lhe pode comparar em grandeza porque nenhum esteve como êle ligado aos mistérios da Incarnação e da Redenção.

Espôso Imaculado de Maria, Pai adoptivo de Jesus, S. José merece bem no nosso amor e devoção o primeiro lugar junto de Jesus e Maria.

Nesta hora tenebrosa em que as potestades infernais se revoltam contra a Igreja e atacam o Evangelho S. José há-de ser invocado fervorosamente como o grande defensor da Santalgreja.

Ele é ainda o modelo do que com o esforço do seu braço e o suor do seu rosto ganha o pão de cada dia trabalhando para si e para os seus.

Uma onda de insânia se apodera do mundo: S. José ensina-

A PROTECÇÃO DO BEATO NUNO

A nossa exortação a que pedissemos a Nossa Senhora da Fátima a cura dos nossos doentinhos para obter a canonização do Beato Nuno de Santa Maria que a geração nova de Portugal deseja ver nos altares honrado com a maior consagração da Igreja para servir de modelo aos rapazes de hoje não é apenas o entusiasmo forte pela realização de uma idéa.

Nós sabemos que os Santos têm diante de Deus um grande valimento e que as suas orações nos podem alcançar as graças desejadas. Mais do que as dos Santos valem as orações da Mãe do Céu.

Ora a Virgem Santíssima há-de desejar muito também que seja glorificada a memória e o nome de quem tanto a amou e tão bem a serviu durante a sua vida terrestre.

Está connosco nesta campanha a Virgem Santíssima. Continuemos a pedir com fé e confiança de sermos atendidos. Escolhamos os doentes absolutamente incuráveis ou já abandonados pela medicina.

Procuramos antes de começar qualquer novena fazer do doente um exame radiográfico ou radioscópico e obter um atestado médico declarando bem a doença e o estado em que se encontra. Depois começa-se a novena ou novenas.

Obtida a cura pede-se apenas ao médico ou médicos que em

nos com a sua vida que a verdadeira felicidade reside apenas na obediência perfeita à lei de Deus.

E para a hora da morte — a batalha final de que dependerá a nossa sorte eterna S. José que adormece suavemente nos braços de Maria e de Jesus é o melhor advogado da boa morte e o melhor protector dos moribundos. Invoquemo-lo com fervor e imitemo-lo fielmente.

atestado com data e assinatura declarem o estado em que o doente se encontra nesse momento e se é possível faça-se novo exame radiográfico. Em seguida mandem-nos a notícia.

Não se esqueçam de nas orações dizer bem claramente a Nossa Senhora que alcance a cura para servir para a canonização do Beato Nuno.

O passado dá-nos esperança O culto do Beato Nuno não constava apenas de festas.

Vinham junto do seu túmulo doentes dos mais graves e de toda a espécie pedir-lhe a cura. E as graças não se faziam esperar. Corria de boca em boca a fama dos milagres operados e a sua memória chegou até nós.

Porque não há-de ainda hoje atender-nos o grande Condestável?

Uma cura extraordinária? Acaba de nos chegar a notícia de uma cura de osteomielite obtida de Nossa Senhora da Fátima para a canonização do Beato Nuno.

Segue com a mesma redacção que traz, seguida do atestado médico.

Fermentelos, 9

Li na Voz da Fátima de Janeiro que pedissem a cura dalgum doente a Nossa Senhora da Fátima para obter a canonização do Beato Nuno.

Eu tenho um netinho de dois anos de idade que lhe apareceu um unheiro no dedo anelar da mão esquerda. Por mais curativos que lhe fizessem não melhorava e o médico dizia-me que só no tempo do mar com aquelles ares desapareceria.

Eu andava desanimada. Li o anúncio acima transcrito e pedi a Nossa Senhora da Fátima a cura do dedinho do meu netinho para a canonização do Beato D. Nuno e que o participava a esta redacção. Assim o estou fazendo.

Apenas fiz este pedido o dedo do meu netinho principiou a melhorar e no dia 5 estava completamente são, confirmado no dia 7 pelo médico.

PEREGRINAÇÃO DE FEVEREIRO, 13

A manhã do dia 13 de Fevereiro último apresentou-se amena e cheia da luz do sol em todo o vasto planalto da Cova da Iria.

Por isso, a afluência de peregrinos, que eram na sua grande maioria gente do povo da freguesia da Fátima e das freguesias mais próximas, foi um pouco superior à do dia 13 dos outros meses do inverno.

A hora habitual, rezou-se em comum o terço do rosário junto da capelinha das aparições. Realizou-se em seguida a primeira procissão em que a veneranda Imagem de Nossa Senhora foi conduzida aos ombros dos Servitas para o altar do pavilhão dos doentes. Aí celebrou a Missa oficial o rev.º P.º António dos Reis, director espiritual do Seminário de Leiria. Terminado o santo sacrificio, o celebrante deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos 28 doentes inscritos e a todo o povo.

Fêz a homilia o rev.º P.º Arnaldo de Magalhães, S. J., antigo director espiritual do Seminário de Leiria.

Efectuou-se depois a segunda procissão a que se seguiu a cerimónia da consagração dos peregrinos à Santíssima Virgem e o canto do «Adeus».

Houve cerca de mil comunnhões. Entre os peregrinos viam-se os rev.º P.º Ernesto Jalhay, S. J., e P.º Manuel Pereira da Costa, sacerdote brasileiro de Parahyba do Norte, em viagem da Itália para a sua pátria.

Levou a umbela nas procissões o sr. dr. Carlos de Azevedo Mendes, Provedor da Santa Casa da Misericórdia e Presidente da Câmara Municipal de Torres Novas.

A multidão já tinha debandado havia muito tempo quando, cerca das 17 horas, começou a cair uma chuva miúdinha e impertinente que molestou os peregrinos retardatários que ultimavam as suas devoções na capela ou na Penitenciaria. Parecia que a Divina Providência queria recordar assim mais uma vez aos devotos de Nossa Senhora da Fátima que a Cova da Iria é um lugar de penitência, desagravo e reparação dos pecados próprios e alheios.

Visconde de Montelo será um facto. Peçamos novas curas e não desanimemos nas nossas orações.

De V. At.ª, V.ª e Obrig.ª

Maria Nunes Vidal

Dr. A. Róque Ferreira
Médico

Clinica Geral — Fermentelos

Rolando Tomás da Rosa, de 2 anos, filho de João Pires da Rosa, professor oficial primário e de Maria Alexandra Rodrigues Tomás, falecida, sofreu de osteomielite da 3.ª falange do dedo médio da mão esquerda, doença que curou espontaneamente.

A canonização do Beato Nuno

FÁTIMA TERRA DE PENITÊNCIA



1) Homens 2) e mulheres com os filhos nos braços 3) ou sós cumprem promessas caminhando de joelhos ou 4) rezando com as mãos debaixo dos joelhos por mortificação

DEUS CASTIGA...

— Pois é verdade, compadre Francisco: a gente nas mãos de Deus ainda somos menos que o cisco diante da vassoura. Quando um homem parece estar seguro, catrapuz — dá um pinote para a outra vida.

— Morrer numa vez ainda é o menos mal. O pior é ficar por cá a morrer aos pedaços. Então, compadre Coelho, esses que ficaram para ai com pernas e braços partidos, desengonçados da espinha ou mortos de fome não era melhor que tivessem morrido? Quantas vezes!

— Deixe lá que morrer é sempre mau enquanto a gente não está bem certo da nossa sorte; e o sofrimento é como as sangrias, serve para purificar. A minha opinião de velho, compadre Francisco é que isto são castigos de Deus.

— Quais castigos, nem meios castigos! Isto são desgraças que toda a vida se viram e que têm de acontecer. É a natureza.

— Alto lá que acima da natureza há um Deus que nos governa. Então quem é que dá inteligência ao homem, flores e frutos às plantas, vida aos animais? A natureza? Vá você à feira de Março que já está perto, compre lá um pássaro de barro o mais bonito que encontrar, ponha-o dentro duma gaiola e espere que ele cante. Pode esperar... Ou então encomende nas Caldas um boneco, que os fazem lá na perfeição, e ponha-se a espreguiçar a ver se ele se espregueia... Está bem livre desse susto. É porque compadre? Porque lhe falta o fiozinho da vida que Deus nos dá com a alma.

— Mas sabe, compadre Coelho, eu às vezes até tenho medo de pensar que Deus existe, cá por coisas da minha vida e porque quando vejo estas desgraças dá-me logo vontade de me revoltar contra Ele e então se Ele lá estivesse no céu a ouvir-me era o cabo dos trabalhos quando me apresentasse à chamada. Assim não existindo senão a natureza é o caso muito mais simples e pode a gente fraquejar à vontade sem haver quem nos pergunte por contas.

— Essa é muito boa! Se só existisse o que nós quizeríamos era uma grande mina. Eu é que lhe afianço que se fosse só eu a querer num abrir e fechar de olhos o mundo dava uma volta. Mas que é que nos vale pensar?! Acontece-nos como ao burro do outro.

Deus existe quer se queira quer não queira. E lá isso de desgraças Ele bem sabe por que as manda. Olhe por castigo! É o que nós estamos a ver.

— Então se castiga também não é bom.
— Não, senhor compadre, é bom mas é justo. É Pai e sabe por isso mesmo dar a criação. Então que merecem senão exemplos desta ordem esses pe-lintras que andam por ai aos saltos a gastar e a regalar-se à bruta sem lembrança nem compaixão da miséria e do luto que cobre o mundo?

— Eles deitam-lhe as contas que gozar é enquanto é tempo... Mas agora não é ocasião de gozar. É indecente que numa casa onde todos choram e que cheira a mortuho por todos os cantos, se ponham meia dúzia de patetas a cantar e a dançar. Ninguém vai para um hospital ou para um cemitério para se divertir. Não é assim?

— Lá isso é verdade.
— Pois hospital e cemitério é o mundo hoje. E bem tolos e malcriados seremos nós para com Deus se não merecermos a trégua que Ele nos vai dando, compadecendo-nos dos nossos irmãos que sofrem e deitando luto no coração pelos que morrem.

— Isto é sério... disse o senhor Francisco pensativo.

— Pois é, é... Mas temos um bom esteto — a Santa Igreja. E ela ensina-nos como podemos compor a nossa vida com Deus pela penitência e pela esmola.

O voto dum chinês

Eu quero ser apenas um ouvinte que conta textualmente o que ouviu da própria boca de Pio XI.

Estava eu em Roma, em uma destas visitas que todos os bispos têm obrigação de fazer, a fim de dar conta ao Chefe supremo da Igreja dos interesses religiosos das suas dioceses.

Anunciado como arcebispo Auch para a audiência particular concedida aos bispos que vêm ao Vaticano, para cumprir esse grande dever, senti logo que certas palavras, interessavam menos os ouvintes de Pio XI, que outras que eu poderia acrescentar.

Por isso, completei eu mesmo a apresentação, dizendo: «Santíssimo Padre: É o metropolitano de Lourdes que vem prestar as suas homenagens ao Vigário de Jesus Cristo».

Ao ouvir esta palavra Lourdes, eu vi a figura de Pio XI, ordinariamente tão grave e onde raramente assumava um sorriso, iluminar-se repentinamente com um desses tons de alegria que todo o peregrino experimenta quando está colocado diante do rochedo das dezoito aparições. Depois, apenas trocadas as primeiras palavras necessárias, da audiência e como se ele esquecesse o objecto principal da audiência, Pio XI, com uma voz lenta e grave, assim me falou:

«Ah! Lourdes, a gruta de Lourdes, Temos-lhe muito amor! Alguns preferem a Lourdes solene, das multidões, das festas, dos cânticos, das procissões.

Para Nós, há mais encanto na Lourdes silenciosa, da oração íntima, onde se é quase levado a pensar que estamos só, com Nossa Senhora.

É essa Lourdes solitária que eu tive a felicidade de conhecer um dia e isto valeu-me uma alegria, que não posso esquecer.

Vós não conheceis o caso, meu caro Arcebispo, mas eu vou contar-vos-lo:

«Fui até a gruta e pensava que estava só e efectivamente assim era, ou pensava ser até ao instante em que me ajoelhei à grade da entrada. Nisto, percebi, oculto, no rochedo interior da gruta, um pequeno grupo de três peregrinos: um homem, uma mulher e uma criancinha.

Fiquei tanto mais intrigado quando observei que pelos seus rostos fortemente bronzeados, deviam ser estrangeiros.

Eu sentia já uma certa simpatia por esses peregrinos, vindos, sem dúvida, de muito longe e aproximei-me deles, quando iam a sair da Gruta.

Sois uns felizardos, meus amigos, por virdes aqui estar junto do rochedo que Nossa Senhora tocou com os pés.

E como eles mostrassem não perceber bem o que eu dizia, perguntei: — Sois estrangeiros, de muito longe?

Então o homem, encorajado, sem dúvida, pela simpatia que adivinhou em mim, fez-me, numa linguagem

quasi bárbara, de que conseguí perceber o pensamento, o seguinte relato:

«Nós somos de Changai. Eu, minha mulher e o nosso filho, fizemos esta viagem para cumprir um voto.

Nós éramos, ainda há pouco tempo, pagãos, como nossos pais.

Ora aconteceu há meses que este nosso filho que aqui está adoeceu gravemente, chegando o seu estado a ser desesperado.

O nosso pobre filho aproximava-se, hora a hora, da morte.

Já V. Rev.^a pode calcular a dor dos pais, vendo o seu filho único caminhar para uma morte certa, sem esperança alguma de cura.

Ora, um dia, vendo que se aproximava o desenlace fatal, menos corajoso que minha mulher, louco de dor, não querendo ver morrer meu filho, sai de casa e andei a vaguear como um desesperado pelas ruas da cidade, cego pela dor, sem ver nada, obediado pela imagem de meu filho, que, nesse momento, devia estar a exalar o último suspiro.

Num certo momento, já longe da casa, achei-me em frente de uma casa de larga fachada, que não se parecia nada com as outras e vi que algumas pessoas entravam e saíam à vontade.

E entrei por curiosidade. E eis que quasi à entrada encontrei uma estátua colocada sobre um pedestal; esta estátua representava uma senhora de encantadora beleza. E perguntei: — Onde estou eu?

Um homem a quem perguntei e que parecia ser servo da casa, respondeu:

— Está numa igreja católica.
— E quem é aquela bela Senhora?

— É a Santíssima Virgem, a Mãe do Deus dos Católicos. Ela apareceu assim, desta forma, em Lourdes, em França.

Vál lá gente dos países mais remotos, atraída pelos milagres que lá se operam quasi diariamente, curando as mais graves doenças de doentes que têm confiança nela.

«Ela cura os doentes!»

Esta palavra foi um vislumbre de esperança no meu coração desolado. Cura os doentes! E eu gostava de repetir esta frase ao pensar no meu pobre filho. Pois bem! Se Ela o curar, prometo ir agradecer-Lhe (por muito longe que isso seja), contanto que possa lá chegar, com minha mulher e meu filho e fazermos-nos católicos.

E entrei em minha casa quasi alegre, com a esperança íntima de ser atendido pela bela Senhora.

Efectivamente, apenas entrei em casa, encontrei a minha mulher, que, louca de alegria, se atirou aos meus braços, gritando.

«O nosso filho está curado. Vem e vê!»

«O maravilha! O nosso doente nada tinha já que fosse sinal de morte. O seu rosto estava completamente mudado e sorria para partilhar da nossa alegria.

Depois de alguns dias de convalescença, voltou à sua esplêndida saúde antiga. Aqui está! Veja-o e aprecie V. Rev.^a por si mesmo.

«E aqui está a razão por que nos encontramos aqui, como bons cris-

VOZ DA FATIMA

Despesas
Transporte ... 2.014.579\$10
Franq., emb. transporte do n.º 221 ... 4.579\$95
Papel, comp. e impressão do n.º 221 ... 22.346\$08
Na Administração ... 110\$50

Total ... 2.041.615\$63

Donativos desde 15\$00

D. Maria José Martins Filipe Príncipe, Xabregas, 20\$00; D. Henriqueta do Rosário Pereira Coelho, Batalha, 20\$00; D. Alzira P. Sousa Gomes, Braga, 20\$00; André Chichorre Marcão, Monforte, 20\$00; António Augusto Apolinário, Carviçais, 20\$00; Dr. António Taborda, Carviçais, 20\$00; D. M. B. Amaral, Calafornia, 25\$00; D. Margarida Amaral Cardoso, Calafornia, 25\$00; Joaquim Alvaro Pereira, Abrantes, 20\$00; José Augusto Alves, Boticas, 100\$00; D. Luisa de Freitas, Avelada, 50\$00; D. Edelvina Freitas, Açores, 20\$00; D. Mariana Vilar, Vale de Santarém, 15\$; D. Margarida Gomes, Aviz, 15\$00; Francisco Rodrigues Ferreira, Madalena, 50\$00; José Freitas Lima, Mascoteles, 20\$00; P.º Joaquim Magalhães Lima, Celorico de Basto, 20\$00; D. Maria Miranda, Lagos, 15\$00; D. Maria José, Castelo Branco, 20\$00; D. Maria Rita P. Cunha, Viana do Castelo, 20\$00; D. Conceição da Silva Póvoas Moura, Rio Tinto, 20\$00; D. Maria R. Silveira, América, 25\$00; D. Maria Saturnina Barriga, Figueira da Foz, 20\$00; D. M.ª Leonor de Magalhães Abreu, Coutinho, Viana do Castelo, 20\$00; D. Josefina do Vale, Tomar, 20\$00; D. Lucinda Guerra, Moncorvo, 20\$00; D. Lucinda Magriço C. Martins, Alvarelos, 15\$00; D. M.ª Angelina Alves Ferreira, S. Pedro de Sintra, 20\$00.

tãos tais como nos fez o Baptismo que há pouco recebemos e como peregrinos reconhecidos para com Nossa Senhora pela grande graça concedida à nossa família.

Assim me falou S. S. Pio XI com uma comoção que passava da sua alma para a minha e medida que saíam de seus lábios os pomerenores deste drama familiar.

† J. F. Ernesto Ricardo
Archev. tit. de Tirovno

Sente-se ABATIDO e não sabe porque?



Sente-se abatido, acabrunhado, sem energia? Tem dores de cabeça e espirra sem razão? Tem dores nas costas e nas pernas? Tudo isto são sintomas de prisão de ventre.

Mas as suas funções intestinais são absolutamente regulares? Há muitas pessoas assim e que, no entanto, sofrem de prisão de ventre. A eliminação deve ser completa e, ao mesmo tempo, regular. Se assim não for, acumulam-se venenos no sangue e tiram-lhe todas as energias.

Um remédio muito recomendado pelos médicos, para o mal que o aflige, são os Sais Kruschen, que não se tornam hábito. A epítada de Kruschen, que contém os sais minerais necessários para assegurarem o perfeito funcionamento intestinal, ser-lhe-á preciosa. Os venenos serão expulsos do seu organismo e a saúde acentuar-se-á dia a dia.

A pitada de **KRUSCHEN**
basta para que se sinta optimamente.
Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em todas as farmacias, a 17\$00 e 10\$00 escudos a frasco.

LEITE MATERNO

Não há nada que o substitua. Todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio.

VITALOSE

Produz uma rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo. Gosto esplêndido.

Fresco, 20\$00 nas boas Farmácias

A Mão Dum Santo

E' para os crentes e mesmo que o FRILAX é para os enfermos

FRILAX (remédio das dores) faz desaparecer rapidamente as pontadas (dores nas costas e no peito); as dores musculares e articulares; dores de reumatismo e lombago (dores dos rins); nevralgias e enxaquecas; dores resultantes de quedas, contusões e maus jeitos; entorses, torçicolos, caimbras e frieiras; dores dos pés (que se molesta com o andar) e tantos outros incómodos doletosos.

Os seus efeitos manifestam-se após a primeira fricção.

FRILAX não causa a menor impressão mesmo nas regiões mais sensíveis do corpo, não contém corantes nem gorduras e tem cheiro agradável.

Sem os inconvenientes de certos medicamentos de uso interno, FRILAX é ainda incomparavelmente superior, em efeitos e eficácia, aos tão incomodativos e insuportáveis emplastros e aos linimentos que, por muito cáusticos, nem sequer permitem a mais leve fricção.

Vende-se nas Farmácias e Drogarias

Prto 8\$50 — Boião 13\$50

Agência: José Bento Costa, Lda.

Rua do Arco do Bandeira, 136, 1.ª LISBOA

Remédio D. D. D.

que lhe dará alívio imediato. Plúcido e subtil, o Remédio D. D. D. penetra nos tecidos e ataca as colónias microbianas que nêles se tenham instalado. Aplique-o, nos casos de eczema, herpes, caspa, pelúcúlas do couro cabeludo, comichão, furuncullos, sarna, chagas (abertas ou húmidas), quelmaduras e frieiras.

Cada frasco Esc. 10\$00

A venda nas farmácias fornecedoras.

TEM TOMADO MUITOS REMEDIOS PARA O ESTOMAGO, MAS TUDO SEM RESULTADO?

O mesmo sucede a muitas pessoas que sofrem de indigestões, azia, flatulência, etc até ao dia em que se resolvem a experimentar as Pastilhas Digestivas Rennie.

Depois das suas refeições, tome duas Pastilhas Rennie. Verá como os resultados da sua decisão se manifestam de forma pasmosa. Passam-lhe as dores, a azia, a flatulência e o mau estar, fazendo-se a digestão sem o sentir.

As Pastilhas Digestivas Rennie contêm anti-ácidos que neutralizam o excesso de ácido; absorventes que acabam com os gases e, fermentos que facilitam o trabalho digestivo, tornando-o insensível. As Pastilhas Rennie chapam-se como qualquer caramelo, não necessitam de água para serem tomadas, e, assim, a própria saliva serve de veículo aos seus componentes que chegam ao estômago sem perda de actividade. Duas Pastilhas Rennie bastam, geralmente, para acabarem com as dores de estômago em cinco minutos. Vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100 pastilhas.

Enfim... só!

Os SALTOS e AS SOLAS **ENFIM** são quasi sem fim.

cómodos, não escorregam, não dilatam, duram... duram... **ESTÁ FEITA A PROVA**

Graças de N.ª S.ª da Fátima José Maria e Maria José

Em virtude da pequenez do jornal «VOZ DA FATIMA», não tem sido possível pôr-se em dia a publicação das inúmeras graças alcançadas pela mediação de Nossa Senhora da Fátima, estando ainda a publicar-se as graças de 1936. Portanto não devem as pessoas favorecidas admirar-se com a demora que haja na publicação das que vão mandando todos os dias.

NO CONTINENTE

Antônio Rodrigues da Silva, — casado, de 48 anos, de Esmoriz, encontrava-se paralisado há cinco anos. O seu estado era tal que nem sequer podia, por suas mãos, tomar qualquer alimento.

Reuniram-se algumas juntas médicas que, examinando o doente, declararam que não havia possibilidade de o curar.

Ao fim de quatro anos e meio de grande sofrimento, começou a tomar um cálice de água da Fátima, de manhã, ao ouvir o sino da igreja dar as avé-marias.

Encontrou, em breve, algumas melhoras.

Sentiu, então, grande desejo de ir à Fátima, lembrando-se que N.ª S.ª o havia de curar.

Dispôs-se a partir para a Cova da Iria no dia 13 de Agosto de 1930.

Como não se podia mover, foi de carro até à Estação de Esmoriz, daí no comboio até Chão de Maças, e, depois novamente de carro até à Cova da Iria.

Uma vez no local sagrado, onde há muito desejava ir, recebeu a Sagrada Comunhão. Ouviu a missa dos doentes e a Bênção do SS.º Sacramento, diz que sentiu uma grande comoção.

Começou a andar sem dificuldade, vindo de Fátima como se tivesse boa saúde. Começou a trabalhar numa tanoaria e até hoje nunca mais sentiu mal algum.

Segue-se o atestado do Ex.º Clínico, Antônio Sampaio Maia, Bacharel, formado em Filosofia e Medicina pela Universidade de Coimbra:

Atesto pela minha honra que o sr. Antônio Rodrigues da Silva, casado, da freguesia de Esmoriz, concelho de Ovar, sofreu durante cinco anos de paralisia de origem sifilítica, encontrando-se presentemente, muito melhor, podendo considerar-se praticamente curado.

Esmoriz, 10 de Maio de 1936.

Albertina de Freitas, da vila das Caldas das Taipas, vendeu sua filha Maria Gomes de Freitas, acometida de grave doença, que pelas suas sérias complicações lhe podia ser fatal, recorreu a N.ª S.ª da Fátima e logo começaram a manifestar-se algumas melhoras, que dia a dia se foram acentuando, até que dentro em pouco a viu completamente curada. Rejuvenilando de gratidão, vem agradecer a N.ª Senhora esta graça da saúde da sua filha.

Uma Religiosa Franciscana do Hospital de Viseu, sofrendo de tuberculose pulmonar recorreu a Nossa Senhora da Fátima e foi atendida gozando agora de excelente saúde e podendo novamente trabalhar.

Francisco de Almeida, ferroviário do Entroncamento, diz que tendo lido na «Voz da Fátima» as graças alcançadas por intercessão de Nossa Senhora, logo lhe fez uma novena pedindo a cura de sua filha Maria Alice de 14 anos de idade. Tinha a menina cegada do olho esquerdo aos 3 anos, e pouco via do direito. Consultando os melhores especialistas do Porto desengaram-no dizendo que a criança não tinha cura possível.

Passado algum tempo notou que sua filha já não tinha névoa alguma no olho direito e no esquerdo a névoa era já muito pequena. Preguntando à filha se já via, respondeu-lhe que sim. Cheio de contentamento vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima e tornar conhecida a graça obtida.

Agradeço graças obtidas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima

D. Maria de Jesus Gonçalves, Alqueidão, Vila Nova de Ourém.

D. Ludovina Rosa Ai e Domingos Sousa Ai, de Assentiz.

José de Faria, de Aldeia Nova, Oitaval.

Manuel da Conceição, do Gavião, Alentejo.

D. Laurinda Gomes de Jesus, da Póvoa de Varzim.

D. Maria da Glória Rodrigues, das Pedras Salgadas.

D. Florinda Sá, de Malta, Vila do Conde.

D. Maria Júlia da Conceição Marques, de Famalicão.

D. Maximina Sequeira Rodrigues, de Parede.

D. Ermelinda Menezes, do Porto.

D. Clementina de Jesus e Silva, da Certã.

Antônio Pereira de Matos da Torredoiça, de Viseu.

Francisco Cardoso de Melo, de Viseu.

D. Deolinda Gaspar, do Porto.

D. Mercês Almeida Correia, Viseu.

Antônio Martins e sua mulher, de Vieira do Minho.

P.º Manuel Ferreira de Brito, de Pinheiro Manso, Porto.

Luis Hirminio Loureiro da Silva.

D. Maria de Jesus Pires, Algarve.

D. Tereza Esteves Várzea, Monção.

D. Lia Nunes, de Belém, Lisboa.

D. Maria do Livramento Dias, de Fragoso.

Joaquim Rodrigues e sua mulher **D. Alzira da Conceição Pinto Rodrigues**, do Porto.

D. Aurora Mota Pacheco, de Lourosa.

D. Emília da Costa Andrade, do Ninho do Agor.

D. Maria Luisa Teixeira, de Póvoa de Varzim.

D. Maria Cândida Lopes, de Coimbra.

José Maria Dourado, de Pereira, Barcelos.

Amélia Lopes de Jesus, da freguesia de São Pedro de Rates, arquiocese de Braga, vem agradecer a N.ª S.ª da Fátima a graça seguinte: principiara a sofrer da garganta, sentindo cansaço dificuldade em falar, consultou vários médicos e até um especialista em doenças de garganta, o qual classificou aquela doença em laringite crônica; em Maio de 1934 perdeu quase completamente a voz, falando apenas em surdina, e com muita dificuldade. Resolveu ir à Fátima em 13 de Outubro de 1935 e voltou para casa no dia 14 no mesmo estado. No entanto pelas alturas de São João da Madalena e Arrifana insistindo com ela uma companheira para que falasse, ela obedeceu e começou realmente a falar com um estrondoso viva a N.ª S.ª da Fátima! Uma pequena dificuldade em falar que lhe ficou ainda depois de obtida aquela graça, desapareceu, e considera-se completamente curada.

NOS AÇORES

D. Amélia do Carmo Azevedo Almeida — Santo Antão, ilha de S. Jorge, Açores, agradece a Nossa Senhora da Fátima a graça que lhe dispensou a quando do nascimento do seu primeiro filho.

D. Maria de Rosário da Silveira — Ribeira-Sêca da ilha de S. Jorge, do Fogo Grande, agradece a Nossa Senhora a cura da sua mãe gravemente doente com uma febre tifoide.

NA ÁFRICA

D. Algemira do Espírito Santo Magalhães, de Angola, tendo recorrido a Nossa Senhora da Fátima quando os médicos lhe diziam ser necessário sujeitar-se a uma intervenção cirúrgica, sentiu-se curada e como tal foi

declarada pelos clínicos, não precisando de fazer a operação. Decorridos 15 meses após a cura, sentindo-se bem, vem reconhecidíssima agradecer a Nossa Senhora da Fátima, como prometera.

Agradeço graças alcançadas

D. Carolina Augusta Gulmarães, de Inhambane.

Uma paroquiana da freguesia de N.ª S.ª da Conceição, Moçambique.

Casimiro Pedro Marçal, de Luanda.

NA INDIA PORTUGUESA

Joaquim Figueiredo, de Saluto.

D. Catarina Emília da Gama e Sanches, de Damão, Praça.

NO BRASIL

Carlos Tavares de Almeida, de S. Paulo.

D. Esmeraldina Brasil, do Rio de Janeiro.

João B. Borges, do Rio de Janeiro.

NA CALIFÓRNIA

Josefina J. Avila publica o seu reconhecimento a N.ª Senhora da Fátima por muitas graças.

Amélia Lopes de Jesus, da freguesia de São Pedro de Rates, arquiocese de Braga, vem agradecer a N.ª S.ª da Fátima a graça seguinte: principiara a sofrer da garganta, sentindo cansaço dificuldade em falar, consultou vários médicos e até um especialista em doenças de garganta, o qual classificou aquela doença em laringite crônica; em Maio de 1934 perdeu quase completamente a voz, falando apenas em surdina, e com muita dificuldade. Resolveu ir à Fátima em 13 de Outubro de 1935 e voltou para casa no dia 14 no mesmo estado. No entanto pelas alturas de São João da Madalena e Arrifana insistindo com ela uma companheira para que falasse, ela obedeceu e começou realmente a falar com um estrondoso viva a N.ª S.ª da Fátima! Uma pequena dificuldade em falar que lhe ficou ainda depois de obtida aquela graça, desapareceu, e considera-se completamente curada.

D. Maria Teresa de Vasconcelos — Casais Novos, diz que, achando-se seu marido gravemente enfermo com um abcesso provocado por uma injeção, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, colocando sobre o abcesso pensos embebidos em água da Fátima. Começou desde logo a melhorar e atribul isto a uma particular intervenção da Mãe de Deus.

Os estragos da guerra

Os estragos da guerra... quem há aí que devidamente os possa avaliar?

Tanta destruição, tanta ruína! Tantas cidades que levaram séculos e séculos a edificar e que agora se acham reduzidas a montões de cinzas e escombros! Tantos monumentos célebres que, pela sua antiguidade ou valor artístico, eram o orgulho da Civilização, e que agora caem, pela explosão das bombas, em trágica derrocada!

Tanto templo, tanto palácio, tanta fábrica, tanta obra grandiosa que o esforço do homem levantou, à custa de tanto suor e sacrifício, e que agora são pasto das chamas ou alvo da metralha devastadora!

Tanta riqueza, tanta fortuna, fruto do trabalho e da economia de tantos anos, e num instante tudo desaparece na voragem do vulcão da guerra!

A gente chega a pensar que, se a guerra dura mais algum tempo, o pobre mundo fica sem conserto. Tão grande é o poder destruidor das armas modernas...

Amigo leitor:

Na sua guerra à Igreja, os inimigos da nossa Fé usam também armas das mais modernas e por isso das mais destruidoras. São caras, mas eles não se poupam a esforços, nem choram sacrifícios, para as adquirir e orgulhar-se até de serem os pri-

meiros a usá-las — **Imprensa, Rádio e Cinema**, as três armas de maior alcance na propaganda duma doutrina — tudo isso eles têm maravilhosamente montado e traiçoeiramente apontado ao coração da Igreja.

E a Igreja nem sempre se pode defender convenientemente, por nem sempre ter ao seu dispor armas tão boas e tão modernas como as deles.

Não é isto pelo menos o que se dá entre nós?

— Onde está o cinema católico?

— Como vivem a Imprensa e a Rádio que, graças ao esforço e sacrifício de alguns, já temos em Portugal? — Arrastando uma vida penosa e difíceis...

— Porquê? — Pela indiferença da maioria dos católicos portugueses que lhes negam o seu auxílio.

Amigo que nós lêis:

Os Cruzados de Fátima — essa associação em que já muitas vezes deve ter ouvido falar — destinam-se a auxiliar pelas esmoas dos seus associados (dois tostões por mês) estas instituições modernas de propaganda católica.

Ainda não és Cruzado de Fátima? — Se assim é, inscreve-te hoje mesmo, para que ninguém possa dizer que és indiferente ao triunfo da Igreja.

por M. de F.

— *A senhora teve de sair, mas o trabalho de que ela precisa é este...*

E a rapariga, com o rosto sereno apesar de sentir o coração um pouco apertado, apresentou ao jovem marceiro, conhecido no bairro tanto pela sua habilidade como pelas suas idéias liberais, uma imagem de S. José, em madeira, primorosamente entalhada e colorida, cuja penha mutilada jazia ao lado, sobre a mesa do vestíbulo.

José Maria contemplou por uns instantes a estátua com o enlévo dum conhecedor — uma centelha de artista a iluminar-lhe os olhos, mas como se notasse de repente o que ela significava, disse desabrido:

— *Foi pena que se não tivesse partido tudo, e em vez de madeira, não ser de barro...*

Maria José pôs-se a rir. Era assim: ao enfrentar qualquer perigo ou dificuldade de maior monta, o coração apertava-se-lhe e parecia-lhe que nunca teria coragem, mas aos primeiros embates, e quanto mais violentos eles eram, mais valorosa se sentia e difícil se tornava derrotá-la. Era uma jôcista às direitas — *cem por cento.*

— *Oral disse na melhor das disposições. Quando esta ficasse sem concertos, havia muitas na loja. E, quando as lojas e oficinas de santeiros fossem todas arrasadas, ficavam os artistas e a madeira e o barro... Já vê que não vale a pena essa sua má vontade contra o nosso Patrono...*

— *O nosso?* exclamou ele. *O seu... Bem sabe que não vou nisso! Já não é de hoje nem de ontem que nos conhecemos...*

Falava contudo em tom mais brando e a palavra *nosso*, pronunciada pela rapariga, como que lhe cantava nos ouvidos. O facto de terem o mesmo nome fóra talvez, de parte a parte, a primeira causa duma irresistível simpatia, ela, julgando apenas que se tratava do zelo por uma alma transviada, êle, caprichando em primeiro lugar em lhe tirar as teias de aranha que a impediam de ser uma rapariga moderna segundo a ideologia que êle professava. Depois se veria.

— *Mas... e José Maria respirava aliviado — a penha é de rêsca, não é preciso levar mais nada... Cá a metem depois:*

— *Não... não é isso que a senhora quer! E mesmo a rêsca está muito lassa, era preciso substituí-la... Mas o que a senhora quer é que a imagem fique grudada à penha e que fique tudo bem seguro, entendeu?*

— *Pois então...*

— *Da-me daí um papel ou um pano para a embrulhar...*

Maria José, toda satisfeita, abriu uma gaveta, tirou um pano e, enquanto ela própria carinhosamente envolvia a imagem, erguia o coração ao Céu numa prece fervorosa a Nossa Senhora e a S. José por aquele que tão pouco digno se mostrava do nome e sobrenome que recebera no baptismo.

— *Prontinho!*

E o operário, que lhe seguira enlevado os movimentos, ajeitou a estátua no braço esquerdo, contra o peito, apoiou-lhe a cabeça, a ampará-la, pegou com a mão direita na penha e saiu com um sorriso em que a rapariga não podia deixar de ver um prenúncio de milagre.

... ..

José Maria, em geral, não fazia serão ou, antes, fazia-o na taberna mais próxima onde, embora fosse moderado na bebida, se entregava ao jôgo e à conversação com camaradas que só lhe faziam mal e a quem êle, a bem dizer sem dar conta, pagava na mesma moeda.

Naquela noite, porém, ficou na sua pequena oficina e só depois de ter concluído o conserto na penha da imagem e de ter dado nesta uma limpeza que a tornou muito mais atraente, a ponto de dar a ilusão de que tinha vida no olhar e no sorriso,

é que recolheu ao leito no cubículo contíguo que, com a oficina, formava o todo da sua habitação solitária ainda que incrustada num dos bairros mais populosos da capital.

Estava no primeiro sono — e, habitualmente, era o único, pesado e pegado até de manhã — quando acordou em sobressalto e parecendo-lhe que sufocava. Que era aquilo e que sonho delicioso vinha interromper?... Sonhava que tinha o casamento tratado com Maria José e que a via andar de um lado para o outro na oficina, de grande avental, mangas arregaçadas e espanador na mão, e pôr tudo num brinquinho, enquanto a imagem de S. José, sobre o banco de carpinteiro, iluminada estranhamente, sorria para ambos como que a prometer-lhes uma grande felicidade...

Voltou-se o ferrou o nariz no travesseiro, procurando readormecer, mas não era possível... Sim... faltava-lhe o ar... e isso não era do sonho... era realidade! Inteiramente desperto, sentou-se na cama e raciocinou:

— *É uma fuga de gás!*

Para conseguir mais luz e em sítio mais conveniente para arranjar a imagem, tinha mudado um bico de gás, deixando o cano de onde o tirara tapado com uma rolnha que sem dúvida saltara fora... Era isso, não podia duvidar.

Ergueu-se, às apalpadelas, porque bastaria a chama de um fósforo para provocar uma explosão capaz de levar a casa pelos ares e, desorientado e já semi-asfiziado, não atinava com a porta para a oficina onde, conseguindo abrir a porta da rua ou a janela, estaria salvo...

Foi de segundos, foi de minutos tamanha aflição?... Nunca saberá dizê-lo! Só sabe que, de repente, viu na sua frente uma claridade, para a qual avançou como louco. Estava na oficina e essa claridade — tal como no sonho — irradiava da imagem de S. José...

Correu para a porta, abriu-a, respirou a plenos pulmões e, sempre iluminado pela imagem, pegou no martelo e fechou o cano, amachucando-o contra a parede. Ao terminar, voltou-se e notou que na oficina não havia agora mais que a fraca claridade que entrava pela porta, proveniente dum candeeiro de iluminação pública em frente do prédio vizinho...

... ..

Na manhã seguinte, quando as ruas do bairro regorritavam de operários e empregados a caminho de suas oficinas e escritórios, qual não foi o espanto de amigos e conhecidos de José Maria ao verem-no sobraçando a bela imagem de S. José que êle propositadamente não quisera cobrir. Era a primeira homenagem pública do seu reconhecimento, a primeira retratação das suas falsas opiniões, dos seus desvarios.

Ao chegar à casa onde servia Maria José, açodado e exultante, a surpresa e satisfação do jocista não teve limites, mas, contudo, conseguiu dominar-se.

— *Bom dia, menina Maria José!*

— *Bom dia, sr. José Maria! Então já está pronto o serviço? Tal não era a pressa de o ver fora de casa...* acrescentou com um sorriso travesso.

— *Pois está muito enganada! atalhou êle impetuoso, Garanto-lhe que, se fôsse rico e a dona quisesse vender esta imagem, nunca mais me separaria dela...*

E poisando cuidadosamente a imagem na mesa do vestíbulo:

— *A minha pressa era outra... Era a de lhe contar... o milagre que me fez esta noite... o nosso Patrono!*

E, para ser exacto, José Maria punha-se a contar o sucedido, começando pelo sonho...

... ..

Passou-se quase um ano, mas não passará êste mês de Março, mês consagrado ao Chefe da Sagrada Família, sem que mais um casamento jocista se realize na capital: o de José Maria com Maria José.

E há-de ser na igreja de S. José dos Carpinteiros...

PALAVRAS MANSAS

Figura ilustre

Passou há pouco o centenário do nascimento de D. Frei José Sebastião Neto, Cardeal Patriarca de Lisboa. As Novidades lembraram a data, que pertence à história da Igreja em Portugal.

D. José Sebastião Neto, pelo que foi, pelo que deixou e pelo que sofreu, não pode ser esquecido.

Viu apenas uma vez numas exéquias promovidas pelo governo, para solenizar, na Batalha, a remoção dumas ossadas reais. Assistiram o rei D. Carlos e a rainha D. Amélia com os príncipes D. Luís Filipe e D. Manuel, membros do governo, o Bispo-conde de Coimbra, D. Manuel Correia de Bastos Pina, dignitários da corte e Mousinho de Albuquerque, cuja presença, a poucos anos de Chaimite, devia comunicar às pedras do monumento um estremecimento de orgulho...

Cantou a missa Mons. Ruas de Abreu, dignidade mirrada da Sé de Lisboa, e fez a oração fúnebre o cônego Alves Mendes, numa hora singularmente feliz e memoranda da sua vida de pregador, porque um pouco antes da cerimônia o rei D. Carlos, ao agradecer-lhe os cumprimentos, tinha-lhe dado o tratamento de arcebispo de Oliveira, dignidade vaga na Sé do Porto, desde a morte do cônego Wanzeller, fundador duma instituição de assistência, que ainda hoje enobrece e ilumina a cidade.

— Fiquei tão contente — disse depois Alves Mendes a uma pessoa da sua intimidade, viva ainda — fiquei tão contente com a surpresa, tão gentil e generosa, que, ao subir ao púlpito, ainda não estava em mim.

A princesa Henriqueta de Inglaterra, no seu leito de morte — e que morte! — deu a Bossuet, que lhe administrou, com os últimos sacramentos, o melhor que tinha na alma, um anel, que ela estimava muito, como prova de gratidão. A princesa faleceu em plena juventude, mostrando à corte, com o seu mal atroz e sem remédio, como são verdadeiras as palavras da Escritura sobre a brevidade e a inconsciência da vida... Mas eu estou tentado a dizer que valia a pena morrer, e até morrer nessa idade, só para ouvir a fé, a resignação e a esperança cristã a falarem comodamente pela boca de Bossuet. Não poderemos nós, todos nós, ouvir também!

Na oração fúnebre desta princesa, que o prodigioso orador entregou, toda despreendida da terra, à misericórdia de Deus, há um traço discreto e delicado que se refere à penhorante lembrança.

No púlpito, Alves Mendes não disse nada do que se tinha passado. Mas aqueles, que sabiam já da mercê régia, notaram certamente que uma profunda gratidão tornava as palavras da saudação às Majestades, mais sentidas e reverentes.

No trono, durante as exéquias a que assisti na Batalha, o Cardeal Patriarca, D. José Sebastião Neto.

Alto, forte, o cabelo farto ainda todo preto, nas feições poderosamente acentuadas, muito características, uma tal ou qual dureza, um ar de compunção e recolhimento, que ia bem com os vidros dos óculos, embaçados de escuro.

Com que interesse e avididade vêm os olhos da gente moça! Para observarem melhor, até parece, não raro, andar com eles o pressentimento de que não se lhes será dado tornar a ver esta ou aquela paisagem, esta ou aquela figura...

Figura-se-me que foi ontem, indo à Batalha depois de rezar na Fátima.

Não havia constrangimento na atitude do Cardeal Patriarca. Não estaria com mais naturalidade numa pobre igreja do campo, em visita pastoral. Mas notava-se facilmente que ele andava mais habituado a olhar para a corte do céu do que para a corte da terra...

Quando vagou a Sé Patriarcal, pelo falecimento de D. Inácio de Moraes Cardoso, que fôra professor dos príncipes e depois Bispo do Algarve, o governo propôs-se fazer a nomeação dum Prelado, que o Núncio, Mons. Mazella, em nome da Santa Sé, regeitou, lembrando a conveniência, para todos, de recair a escolha no intrépido, eloquente e zeloso Bispo do Funchal, D. Manuel Agostinho Barreto, antigo deão da catedral de Lamego.

O governo, porém, regeitou por sua vez este prelado, o que aliás era de esperar naquele tempo, e fez, sabe Deus com que intenções, a apresentação do Bispo de Angola e Congo, D. José Sebastião Neto, que Mons. Mazella, o grande Núncio, imediatamente aceitou.

Conta este caso, pormenorizadamente, o conselheiro Júlio de Vilhena.

D. José Sebastião Neto veio assim para Lisboa na onda de Providência, como costumava dizer o dr. Alres de Gouveia.

Teremos tudo a ganhar indo com ele... Correia Pinto.

Cartas de longe

por Moss

Se a mãe deve, com um cuidado e zelo especial, preparar a alma do seu filhinho para a comunhão particular, para a primeira visita de Jesus Hósta ao coração da criança, com um cuidado maior ainda o deve preparar para a comunhão solene.

A criança de dez, onze anos, não basta já aquele mínimo de conhecimentos que possuía ao fazer a sua primeira comunhão. Precisa agora ao preparar-se para fazer a sua solene profissão de fé, saber bem o que crê e porque crê, precisa de saber devidamente o catecismo.

Na escola e na catequese sobretudo são ministrados os conhecimentos essenciais da nossa religião mas a mãe, zelosa da formação de seu filho, deve, em casa, colaborar com a escola e com a catequese, verificando o adiantamento e progresso da criança contribuindo especialmente para que ela não seja um moínho de fórmula, papagueando inconscientemente palavras cujo sentido não compreende. Para isso, completar e repetir-lhe as explicações necessárias e adaptadas ao seu desenvolvimento e tirar de suas lições práticas a aplicar à vida de todos os dias.

Enquanto os horizontes se alargam e a razão se alimenta com novos conhecimentos devidamente esclarecidos, cuidar simultaneamente de formar-lhes o coração para uma piedade sã, efectiva e afectiva, excitando nela os sentimentos generosos de amor e gratidão para com o Senhor, de amor e dedicação para com o próximo.

Vincar-lhe ainda no espírito a nobre attivez de ser cristão de possuir a verdadeira fé que se deve viver, afirmar e praticar sem respeito humanos.

Não descurar também a preparação da criança para receber oportunamente o Sacramento da Confirmação. Que esse acto tão solene não seja apenas ocasião para ter mais um padrinho ou uma madrinha, mas para tomar consciência de que o facto de ter em si a verdadeira fé lhe traz o dever de a defender e espalhar. Fazer-lhe ver a beleza da dignidade de soldado de Cristo e da amorosa missão de se dedicar a realisar a vontade de tal chefe.

CRÓNICA FINANCEIRA

É altamente curioso e instrutivo o que neste calamitoso momento histórico se está passando em França. Chegado o supremo perigo do esmagamento da nação pela Alemanha, a França não recorreu ao vigor dum novo para lhe confiar os seus destinos, mas à experiência, ao prestígio, ao saber de um glorioso ancião de 85 anos!

Este caso tem precedentes ainda próximos. A Alemanha, quando se viu afundada na mais calamitosa derrocada económica e financeira de que há memória, também recorreu ao velho Hindemburgo, nonagenário já, mas ainda rijo de corpo e alma.

A própria França, sentindo-se em 1917 à beira dum abismo, recorreu ao velho Clémenceau, o tigre, para lhe confiar os seus destinos: Clémenceau foi predecessor de Pétain.

Mas que diferença entre um e outro. Clémenceau era o representante daquela ideologia demagógica e pagã que durante dois

séculos minou e corroeu a França até à medula dos ossos, até às fibras mais profundas do coração e da alma. Clémenceau era um ancião na idade e um velho nas ideias. O tigre ganhou a guerra, mas não salvou a França.

Pétain é a antítese de Clémenceau. Pétain é velho na idade, mas é novo nas ideias, porque é católico, apostólico, romano. Pelos seus sentimentos e pelas suas crenças, Pétain encarna o que de mais vivo e profundo existe na alma da sua grande Pátria, que foi e será sempre a filha primogénita da Igreja.

Por isso Pétain pode salvar a França; Clémenceau apenas a pôde levar à vitória. A obra de Clémenceau durou duas décadas; a de Pétain durará séculos, se a França o seguir com a fidelidade que deve aos seus altos destinos.

O povo francês viveu dois séculos de loucuras que não poderiam deixar de acabar num for-

midável desastre. Os povos do Ocidente seguiram-no mais ou menos nos seus desatinos, renegando-se a si mesmos e à maravilhosa instituição a cuja sombra se desenvolveram — a Igreja Católica. Esta cadeia de criminosos erros havia fatalmente de acabar mal. A minha geração foi a primeira a compreender essa verdade e a lutar por ela. O Estado Novo nasceu dessa reacção vigorosa contra os desmiolados que estavam minando os alicerces da nossa civilização. Em todos os países latinos, se deu movimento semelhante, mas já se pode hoje afirmar que foi Portugal quem melhor soube restaurar a ordem não só nas ruas, o que já não seria pouco, mas nos espíritos, o que é tudo.

A França começa hoje a compreender a necessidade de trilhar o mesmo caminho, aproveitando a nossa experiência, a muitos respeitos felicíssima.

Pacheco de Amorim

Palavras de um médico

(Nova série)

VII

A operação cesariana

Determinava uma lei promulgada por um dos primeiros reis de Roma que as mulheres qu' morressem em estado de gravidez não podiam ser enterradas sem que lhe fôsse extrahido o feto do ventre.

Desde a mais remota antiguidade, era costume abrir o ventre às mulheres que morressem de parto, para tentar salvar o seu filho.

Supõe-se que, deste modo, viu a luz o grande ditador romano Júlio César e, diz a tradição, por esse motivo, ter-se-ia chamado *operação cesariana* a extracção do feto por via abdominal.

Como quer que seja, é bem antiga esta operação, praticada na mulher morta. Por todo o vasto Império Romano, e pelos países que d'ele derivam se fazia tal operação.

Dizem os Nobiliários que, em território que, depois da formação do Reino de Portugal, a elle pertenceu, foi praticada a operação cesariana na mãe de Santa Senhorinha de Basto, operação da qual proveio o Conde D. Goçoy, o qual, por não ter nascido naturalmente foi designado por *Nonado* ou *Nonato*.

Foi o próprio pai, diz um genealogista, que extrahiu do ventre de sua esposa morta, o filhinho que acabava de ser gerado.

«Para salvar uma vida e uma alma foi preciso ao affito pai, diz o genealogista rasgar com mão piedosa mente cruel o já insensível seio materno».

Desde o século XVI, alguns audaciosos cirurgiões tentaram praticar tal operação na mulher viva. Mas os insucessos eram de tal ordem, que a cirurgia não se abalçava a aconselhá-la.

Não era conhecida a causa das infecções e a maioria das mulheres em

que se praticava tal operação morriam de peritonite.

Só depois que, no meado do século XIX, o genial Pasteur descobriu a causa das infecções e o meio de as evitar é que foi possível, pouco a pouco, estabelecer-se a cirurgia abdominal.

Hoje praticam-se, por toda a parte, *operações de berriga aberta*, com êxito cada vez mais favorável.

E, nos grandes hospitais e nas maternidades, a operação cesariana realisa-se constantemente.

O perigo da infecção foi quasi completamente vencido, e os progressos da técnica permitem hoje salvar muitas mães, que não podiam, naturalmente, dar à luz os seus meninos.

J. A. Pires de Lima

Errata — No VI antiquinho desta série, a «Voz da Fátima» imprimiu «professores de medicina operatória» em vez de «progressos de medicina operatória».

P. L.

Tiragem da «Voz da Fátima»

no mês de Fevereiro

Table with 2 columns: Location and Value. Locations include Algarve (5.408), Angra (20.108), Aveiro (7.725), Beja (3.423), Braga (83.212), Bragança (12.036), Coimbra (13.854), Évora (4.814), Funchal (16.147), Guarda (19.702), Lamego (11.678), Leiria (14.259), Lisboa (11.979), Portalegre (11.118), Pôrto (52.486), Vila Real (23.978), Viseu (9.742). Total values: 321.669, 3.265, 10.378, 335.312.

Este número foi visado pela Censura

Como Nossa Senhora salvou um lar

por Berta Leite

Aquela pobre rapariga via-se na iminência de não poder evitar a desgraça que a ameaçava e aos filhos.

O marido até ali tão amigo, tão bom chefe de família deixara-se enfeiticar por uma formosíssima e má mulher. Ela estranhara-o, julgara-o doente acarinhará-o, e, elle repelira-a. Meio doido confessara-lhe tudo. Não tinha razões de queixa dela, não queria fazer-lhe mal nem aos filhos, mas queria a outra, que lhe exigira o divórcio.

Contara-me isto a chorar, e, eu senti talvez como nunca, assaltara-me a tentação da falta de caridade contra aquela má mulher, que não hesitava em destruir um lar, para satisfazer o seu capricho de leviana. Venci-me por fim.

Rezei fervorosamente a Nossa Senhora da Fátima para que valesse a todos.

Aquela pobre rapariga que os pais não haviam educado religiosamente rezou, rezou muito a Nossa Senhora. Adeoceu. E disse ao marido. «Acorda e volta a ti. Nunca mais te falarei neste assunto. Mas não abandones os teus filhos. Não poderás ser feliz».

Então alguém amigo de ambos empregou todos os meios para o dissuadir. Não conseguiu.

Alguém amigo de ambos, depois de invocar Nossa Senhora da Fátima, foi ter com a má mulher e teve a inspiração de lhe afirmar categoricamente que além de tudo mais não lhe convinha, porque elle não era rico. Tudo se conciliou num abrir e fechar de olhos. Ela desiludiu-se e em pouco tempo estava casada com outro. E o lar que aquela pobre rapariga defendera heróicamente ao ponto de não ter para o marido o mais leve queixume da sua pobre dignidade tão ferida — ficou de pé — e está de pé, com a volta da saúde para ella, a volta do juízo para elle, — cuja lição deve aproveitar para o resto da vida — e, a alegria inocente dos filhos que Nossa Senhora da Fátima permitiu que ignorassem tudo.